

História Cultural



VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

IDENTIDADES E TERRITÓRIOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO: O LUGAR DO OUTRO

Camila Collpy Gonzalez Fernandez*

Eu me sinto tão à vontade aqui, que é praticamente meu lar (normal), me sinto como se tivesse nascido aqui também. Se não fosse meu rostinho, às vezes eu me vejo no espelho e, Pô... eu sô diferente. É verdade eu sô Boliviano mesmo¹.

Observa-se a busca pela identidade perdida, pois em determinado momento da adaptação o e/imigrante não se vê mais como boliviano. Mas sabe que precisa buscar constantemente suas raízes, necessita de uma identidade. Passa por uma fase de negação de alguns costumes² que podem ser prejudiciais para sua imagem, no país que o acolheu, mas necessita de identificação para se reconhecer como sujeito.

* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientada pela Prof^a. Dr^a Maria Izilda Santos de Matos; Bacharel e Mestre em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

¹ Depoimento de Rada, F.

² Uma estratégia utilizada pelos e/imigrantes recém-chegados para se adaptar a nova sociedade é se transvestir de Paulista, as mulheres abandonam as tranças, cortam os cabelos, passam a utilizar calça jeans e roupas mais coloridas, deixam de lado as tradicionais polleras (saías longas com pregas e aveludada). Os homens também adotam o jeans e as camisas mais leves e coloridas em substituição das calças sociais e sóbrias em tons escuros. SILVA, Sidney A. da. Bolivianos. A presença da cultura andina. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Lazuli, 2005.p.28. Aspecto também observado na visita ao CAMI.

(...) estava perdendo a identidade pelo dia-dia, pela correria. Eu fui perdendo, não estava nem falando espanhol direito, de tão adaptado que eu me sinto. Minha cabeça mudou. Aí... é como eu falei pra você. Tem algumas coisas que eu não gosto, a bebedeira, eu comecei a me afastar daquelas coisas, as festas, bebedeiras. Sabe, daquela imagem negativa, eu detesto. Fazer o que? Mas assim, mas aquela vez eu vi um Grupo Folclórico na Oficina Oswald de Andrade, no Bom Retiro. Uma apresentação boliviana, achei super bacana, muito organizadinho. Eu vi só pelo simples olhar que as pessoas eram diferentes, já mais instruídas. E sabe, você percebe, me senti identificado com a cultura que eles estavam mostrando, a cultura boliviana. Bonita, legal, o que deveria ser realmente mostrado... E aí, o que mais me surpreendeu, eu vi dois loiros. Que, que esse cara loiro aí? Aí, fui e perguntei como que era. Aí eu soube que a menina loira era namorada de um rapaz boliviano e o outro cara também, era filho de um boliviano.³

Neste trecho há percepção do depoente sobre membros não bolivianos no grupo de dança. O que demonstra a aproximação entre as culturas, e a forte presença boliviana na cidade de São Paulo. Outra, descendente de bolivianos, mas brasileira, identifica no trabalho do grupo de dança sua origem e destaca sua relevância para a manutenção, adequação e/ou a formação de uma identidade boliviana em São Paulo.

O grupo é,(...) pra mim muito importante, é a minha herança. Todo mundo que eu tenho contato sabe o que eu faço, que eu danço. Então tudo o que eu tenho aprendido no grupo eu quero passar para os meus filhos. O grupo é a minha marca. Cada dança tem uma história, a gente apresenta no palco o fundamento, os passos, tudo tem um motivo. Eu quero passar pros meus filhos não só o conhecimento, mas a minha história, a minha origem⁴.

A concepção de identidade pode ser analisada por diferentes perspectivas que vão desde a construção de sua autoimagem às relações intergrupais e sociais. O sujeito concebe sua identificação com o mundo desde seu nascimento, através das relações estabelecidas no âmbito familiar e posteriormente com a sociedade que frequenta. “A identificação é sempre inconsciente e para ser desvendada, torna-se necessário que seja espelhada e interpretada pelo outro”⁵. Pode ser entendida, então, como um produto inacabado que será tecido nas tramas das relações interpessoais num determinado espaço/tempo.

³ Depoimento de Rada, F.

⁴ Depoimento de Loyaza, J.

⁵ FERREIRA, 1999 apud CORSINI, L. Representando a Identidade no contexto das migrações. *Psicologia e Sociedade*; 18(3): 23-33; set./dez.2006.p.24.

(...) a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros [...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros.⁶

Outra perspectiva de interpretação da necessidade de identificação desse sujeito emigrado com o grupo, pode se dar a medida que, este, se vê como membro de uma determinada minoria que para ser reconhecida e respeitada, enquanto categoria, precisa se unir para se fortificar aos olhos do grupo dominante. Percebe-se, não só nos bairros estudados, uma tendência à hostilidade, ao reconhecimento negativo das diferenças por parte da comunidade local. “(...) a afirmação da identidade em grupos minoritários funciona, muitas vezes, como instrumento de resistência”⁷ a fim de produzir novos sujeitos agentes de transformação.

O conceito de identidade, pode se dar de três formas: o sujeito do iluminismo – indivíduo totalmente centrado e unificado; o sujeito sociológico – indivíduo não é autossuficiente e está aberto aos valores sociais e o sujeito pós-moderno, isento de identidade fixa, permanente, transformado constantemente pelo meio⁸.

Num contexto de emigração onde o deslocamento se faz presente, o e/imigrante traz consigo seus valores, costumes, tradições, sua identidade. Porém esses valores estão desconexos com a nova realidade encontrada no país destino. Segundo o depoente ser estrangeiro,

(...) tem dois lados, por um lado tem suas dificuldades que não são poucas, (...) tem muita coisa ruim ainda, ser estrangeiro é ser banido, é ser barrado. Ser estrangeiro é, aqui no Brasil, preconceito, é tristeza, é muita coisa que te machuca, que te magoa, como ser humano, e... coisas assim que possa. Às vezes você fala eu não pedi, eu não pedi para ter nascido em determinado lugar, sabe ... Mas em contrapartida, por outro lado, é ser estrangeiro aqui no Brasil, é conhecer pessoas novas, diferentes culturalmente, pessoas alegres ou tristes, mas que de alguma maneira tentam te apoiar e te dão um pouquinho de alegria, descontração. É assim, ser sincero, chorar de tristeza, de fraternidade. Ser estrangeiro é uma coisa boa, é tentar ser feliz. E rir com as alegrias

⁶ POLLACK, 1992, p. 204 apud MANCUSO, Maria Inês R. Memória, representação e identidade. LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; orgs. Discutindo Identidades. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006. p. 67.

⁷ CORSINI, L. Representando a Identidade no contexto das migrações. Psicologia e Sociedade; 18(3): 23-33; set./dez.2006.p.24.

⁸ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

dos outros com os costumes, pessoas que gostam de você porque você não é daqui, porque você é diferente. Por que todos de alguma maneira não são daqui, é uma mistura uma coisa rara, bonita, é uma exclusividade que não é exclusividade, é uma mistura de cores e sabores realmente. É muito diferente.

Muito difícil, ser estrangeiro no Brasil!

Poxa, nossa! Difícil, não vou poder explicar. É um misto de sensações, é muita coisa, é como a palavra saudade, que não tem descrição, mas que você sente⁹.

O indivíduo de fora, estrangeiro, causa certo estranhamento as pessoas da comunidade receptora. Pois seus costumes, sua fala, seus traços físicos o marcam como diferente. A diferença pode ser atrativa para alguns por trazer curiosidade sobre o modo de vida daquele forasteiro e ao mesmo tempo ser um fator de repulsa para outros que por medo do desconhecido evitam, excluem, discriminam e ignoram a presença do estranho¹⁰.

As ansiedades acumuladas tendem a ser descarregadas sobre os “forasteiros”, eleitos para exemplificar a “estranheza”, a falta de familiaridade, a opacidade do ambiente de vida, a imprecisão do risco e da ameaça em si. Quando se expulsa das casa e das lojas uma categoria selecionada de “forasteiros”, o fantasma atemorizante da incerteza é exorcizado por algum tempo_ queima-se simbolicamente o monstro assustador da insegurança¹¹.

Com o início do processo de adaptação ao novo território se reconstroem as acepções do conceito de identidade boliviana. “Ele desarticula identidades do passado, mas abre possibilidades de novas articulações – a formação de novas identidades, a produção de novos sujeitos”¹².

Então isso é muito engraçado, porque na verdade meus pais, diferente de todas as famílias lá, porque lá todas as famílias participam das festas, da semana Pátria, do Carnaval. E eles até faziam isso lá, porém quando vieram pra cá focaram muito no trabalho e não seguiram de jeito nenhum. Então, pra gente, de dança folclórica eles passaram muito pouco, eu acabei conhecendo e me aproximando mais das minhas

⁹ Depoimento de Rada, F.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.p. 129.

¹² LACLAU, 1990. P.40 apud HALL, Stuart. A Questão da Identidade Cultural. Textos Didáticos. N.18; fev. 1998. p.15.

próprias raízes depois que eu me graduei, porque até então, eu pouco conhecia, como agente trabalhou 10 anos na oficina¹³.

Podem ser inúmeras as reflexões sobre a construção das identidades desse e/imigrante, pois se ele é obrigado por diferentes condições a se deslocar (emigrar) de seu país para São Paulo, tudo o que ele entendia por ser sua identidade, ou seus valores, símbolos de identificação ficam deslocados, fragmentados no novo cotidiano que se apresenta. Em suas memórias encontram-se traços de uma identidade nacional, do que foi sua identidade e hoje já não é mais¹⁴.

(...) a imagem que o grupo tem de si mesmo é marcada pela ambiguidade, devido às diferenças étnico-culturais e sociais existentes na Bolívia, que por sua vez acabam se reproduzindo aqui em São Paulo. Com efeito, esses imigrantes vêm a si mesmos em primeiro lugar como pacenhos, cochabambinos, cruzenhos, orurenhos, potosinos etc., e depois como bolivianos. Porém, quando alguém do Altiplano (colla) ou dos Vales (qochalo) se refere aos oriundos do Oriente boliviano, então aparece outra forma de identificação, em geral de cunho depreciativo e hostil, que é a categoria *camba*.¹⁵ Portanto a identidade boliviana só vem à tona quando esses entram em contato com o outro enquanto brasileiro, em que estes passam a vê-los a partir das imagens preconceituosas que se tem dos mesmos.¹⁶

No trecho a seguir observa-se a nítida percepção do depoente acerca do hibridismo cultural. Estando tão integrado a nova realidade chega a esquecer sua nacionalidade.

As pessoas me lembram que eu sô Boliviano, porque as vezes, eu me esqueço que sô. Praticamente eu esqueço, eu falo do mesmo jeito que meus amigos, xingo, brinco em português. No próprio trabalho, eu falo de igual pra igual.¹⁷

¹³ Depoimento YUJARA, V.

¹⁴ BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

¹⁵ Qochalo, colla e *camba*: são formas de se identificar as pessoas por região. As que vivem no Altiplano até os vales são collas, por outro lado as que vivem nos trópicos são identificadas de *cambas*. Essa divisão remonta ao império incaico, o qual foi derrotado pelos moxos e tupi-guaranis, gerando conflitos, lutas pelo poder e inúmeros preconceitos. *Cambas* significa *moreno* em guarani, há uma influência africana na região. ¹⁵ SILVA, Sidney Antonio. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo. Paulinas. 1997.p. 72-73.

¹⁶ SILVA, Sidney Antonio. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo. Paulinas. 1997.p. 179.

¹⁷ Depoimento de Rada, F.

Afirma-se uma concepção de identidade nunca unificada, fragmentada, nunca singular mas multiplamente construída ao longo dos discursos, das práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas, estando em constante transformação. Vincula-se o processo da globalização à formação da identidade do indivíduo. A base desse conceito é construída dentro de um contexto histórico e institucional específico, se dá apenas por meio da relação com o outro, é um ato social e de poder¹⁸. Percepção do depoente acerca do reconhecimento social na comunidade boliviana, “Os meus pais são muito antigos aqui. E os mais antigos que estão ativamente nas comunidades os conhecem e nos recebem em família. É muito bom.¹⁹”

(...) o sentimento de fazer parte de um grupo era, obviamente, um ingrediente essencial do prazer proporcionado pelas atividades comunitárias de lazer, quer tivessem um caráter informal, como os encontros de vizinhos nas compras [...], quer com um caráter mais organizado, como as reuniões das associações locais.²⁰

A identidade é fruto de um pensamento estratégico e posicional do sujeito que vivencia a situação e traz consigo também novas acepções sobre o conceito de cultura, pois pode-se considerá-la enquanto verbo e não substantivo, pois tem ação é dinâmica e transnacional, quando os deslocamentos põem em choque as diferenças culturais, ao entrar em contato com novas culturas, ou identidades criam construções desterritorializadas, híbridas²¹.

A cultura transnacional e tradutória é um drama cotidiano para o e/imigrante, pois precisa negociar entre culturas e tradições em um conceito local e outro conceito de Nacional. Esses novos significados se formam no processo de reterritorialização devido as diferenças na língua e nos modos de vida das comunidades, contribuindo à construção de valores éticos e estéticos que não pertencem a nenhuma cultura específica, são dados pela experiência da travessia²².

¹⁸ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. E SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹⁹ Depoimento de Tordoya, A

²⁰ ELIAS, Norbert. Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 93.

²¹ BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

²² SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de . Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. Disponível em:http://www.uesc.br/icer/resenhas/hibridismo_e_traducao_em_bhabha.htm. e SOUZA, Lynn Mario

Eu nunca me senti estrangeiro eu sou muito brasileiro, eu sou um brasileiro que nasceu na Bolívia. Eu domino as duas línguas. E pronto, falo que sou mais brasileiro que muito brasileiro e se alguém fala mal ou alguma coisa de mim, eu digo você conhece a Bolívia? Precisa ter um mínimo de conhecimento pra falar de alguém ou algum lugar. Quando eu tô passeando na Bolívia sinto falta do Brasil, me emociono em ouvir o Hino brasileiro e o Hino da Bolívia também. Quando estou na Bolívia e escuto o hino brasileiro começo a chorar, chorar. Eu amo o Brasil, não tenho nada que falar do Brasil, porque aqui me ensinou a vida, eu tenho as minhas coisas. Até por que se o Brasil ou a Bolívia tem problemas são os comandantes e não o país²³.

O relato expressa a dupla pertença um dilema vivido por todo e/imigrante durante sua trajetória de vida. A partir do momento que este consegue se estabelecer no novo país, se identifica com os costumes, com a língua, cria vínculos afetivos, adota a nova pátria como sendo seu lar. Mas sempre se lembrará de sua origem e buscará formas de se ressociar na própria cultura. “Eu me sinto bem aqui. Sinto falta do Brasil quando estou lá e de lá quando estou aqui. Eu gosto muito do Brasil”²⁴.

Aponta-se uma ânsia pelo retorno às origens, o depoente sente a necessidade de consumir produtos bolivianos e aceita o que lhe é ofertado, mesmo sabendo que não são originais. Já, no caso da comida traz apenas traços da culinária boliviana, que remetem as suas memórias gustativas, porém reconhece que só terá a real experiência gastronômica no seu país.

(...) tem umas lojinhas sim, (...), tem outros lugares não só a kantuta. Eu gosto de alguns pratos, já como, já sei como é. E quando como aqui, é como comer uma feijoada no Japão, com os ingredientes do Japão. Muito diferente. É, você não vai encontrar uma comida gostosa de lá, aqui. Tem que ir lá, é difícil de fazer, minha futura esposa vou educá-la a fazer²⁵.

Ao “se definir uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas) frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de mistura em que se formaram,” por outro lado “não é possível falar das identidades como se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las

T. Menezes de. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2004. p. 113-133.

²³ Depoimento de Tordoya, S.

²⁴ Depoimento de Tordoya, F.

²⁵ Depoimento de Rada, F.

como essência de uma etnia ou de uma nação”, portanto, “por hibridação se pode entender que é um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, para assim entender as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais”²⁶.

Deponentes expressaram suas preocupações com a manutenção da cultura andina, mesmo distante de seu país. Revelaram desejos de passar os conhecimentos e as tradições de seu povo para seus descendentes, como uma estratégia de recriação de uma identidade ou de identidades bolivianas em São Paulo.

(...) nós estamos num mundo globalizado. Eu acredito que cada um tem que preservar sua cultura. Porque se agente não cultivar, quem vai continuar cultivando aquilo lá. A cultura vai acabar. Aqui em São Paulo não tem uma raça definida, tem americano, tem asiático, tem de tudo. Tem nordestino e tem boliviano²⁷.

Eu vou ensinar para minha esposa, a falar espanhol, vou ensinar as coisas, e os costumes bolivianos, que são muito ricos. Tem que preservar, eu sinto, é uma cultura milenar, muito rica, porque não transmitir isso. Eu preciso passar isso para meus filhos também. Vou com certeza, mas outras pessoas não. Sentem vergonha de ter nascido na Bolívia, quer apagar aquilo, mas o rosto não engana. É a identidade²⁸.

Ao mesmo tempo, que os depoentes acima, expressaram seus desejos de fortalecer as manifestações da cultura boliviana em São Paulo, outros estrangeiros traçam a estratégia de um distanciamento do grupo para não serem contaminados pelos estereótipos atribuídos a eles pela sociedade local²⁹.

²⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2000.

²⁷ Depoimento de Tordoya, S.

²⁸ Depoimento de Rada, F.

²⁹ O estereótipo é uma forma de representar o meio ambiente por categorias. Com a finalidade de simplificar atribui-se características generalizadas positivas ou negativas a grupos de pessoas. O estereótipo negativo é usado de forma pejorativa modificando e deturpando a verdade, possui origem nas tradições culturais de cada comunidade social. TAJFEL, H. Grupos Humanos e categorias sociais. 1e2 vol. Lisboa: Livros Horizonte, 1982. p. 147. Apud HUAYHUA, Gladys Llajaruna. Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2007.p.33. O estereótipo do e/imigrante boliviano dado pela sociedade local é de indígena, pobre e que vem procurar emprego em oficinas de costura até como escravo de coreanos e outros bolivianos. Identificado por HUAYHUA, Gladys Llajaruna. Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC- SP, 2007.

Os novos atores sociais nos bairros demandam por serviços³⁰ e expressam suas formas de viver e ver o mundo, estão fazendo e pertencendo a história dessas localidades.

Já podem ser constatados territórios bolivianos nos bairros estudados, como: no Canindé a Praça Kantuta; no Bom Retiro os restaurantes e bares, entre outros espaços para chamadas internacionais e pequenos comércios de doces e tubérculos específicos da culinária boliviana. Na rua Barra do Tibaji e na rua Coimbra, encontramos salões de cabeleireiro ou *peluqueras*, *lanhouses* e lojas de produtos típicos, tudo voltado para o público boliviano e muitos desses estabelecimentos são gerenciados e / ou são propriedades de bolivianos, o que confirma o território imigrante.

Ao destacar o novo uso dado aos estabelecimentos dos bairros estudados e a presença marcante de novos atores sociais modificando a história urbana da cidade de São Paulo, destaca-se a importância da investigação. Nesse sentido,

(...) a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Lugares que, além de sua existência material são codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, num trabalho de investigação sobre os múltiplos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização³¹.

³⁰ Percepção do depoente sobre atendimento público na área da saúde: (sic) dificilmente vou ao hospital, porque vejo como são maltratados os bolivianos, mas precisei. Então fui, e quando era minha vez perguntei pro médico, que remédio que é esse e ele nem me ouviu. Fui mal atendido, tipo um gado, e fui maltratado pelo enfermeira. E eu perguntei pra ela? Me diga os compostos do remédio se vou ter reação o não.. cosas así. E ela viu que eu tinha uma cara diferente, um sotaquinho. E estupidamente foi grosseira comigo, disse, procura na internet. E aí surgiu um desconforto. Ela falou: “Dá onde que você veio, esse povo não tem o que fazer vem aqui, e são estrangeiros, utilizam nossos serviços, e começo a falar así.. Eu fiquei com tanta raiva!

Percepção do depoente sobre o atendimento dado ao imigrante na Polícia Federal: (sic) Aí fui fazer a documentação, já tava 4 o 5 anos aqui, na época saiu uma lei para acordo bilateral, tinham muitos brasileiros na Bolívia, coronéis, fazendeiros e nós aqui. Aí aproveitei para regularizar a situação. Uma burocracia terrível, muito gasto, e, o pessoal desinformado, aí que conheci a polícia federal. Nossa, nós somos Mal tratados, é terrível e terrível, acho que pelo fato de ser estrangeiro, as pessoas maltratam você, é um atendimento precário. A polícia federal é o pior lugar para você como estrangeiro possa precisar, é uma experiência desumana, desumano. E você não tem pra quem falar isso, os repórter não vão dar atenção, era terrível, terrível... destravam você, eles, é, quase que te agrediam verbalmente, tratavam mal, faziam voltar duas o três vezes porque não davam a resposta certa, eles falavam estúpidos, não tinham o mínimo de competência e humanidade para tratar com o próximo.

³¹ ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio. Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Fac. De Arquitetura, 1992. Apud MATOS, 2002, p. 36.

Quanto mais inserido no contexto social, quanto maior o grau de reconhecimento e identificação cultural, mais próximo o indivíduo estará do seu território, esteja ele no país de origem ou não³².

O imigrante boliviano está criando territórios bolivianos, espaços de representação de sua cultura na cidade de São Paulo, pois assim consegue se enxergar como parte integrante do território.

Me identifiquei aqui é confortável, me sinto bem. Então quando você sente bem, confortável naquele lugar, você quer ficar. Mas você tem uma lembrança de onde você veio.

(...) Se você não tem base, fica aonde? No ar? Não é ninguém.

Eu me sinto tão a vontade aqui, que é praticamente meu lar (normal), me sinto como se tivesse nascido aqui também.

(...) sentiria muito mais se fosse embora daqui do Brasil, sentiria muito. Eu já fui para o Rio de Janeiro e meu coração ficou partido de saudade daqui, e voltei, verdade me asfixiava naquele lugar, tinha que voltar, deixa a poluição, deixa a rinite, deixa o trânsito, mas eu tinha que voltar³³.

A Bolívia já não é mais vista como seu território, o Brasil é o novo território, daí se dão as tentativas de reterritorialização, as aproximações culturais entre costumes e tradições bolivianas e tradições de brasileiros.

Alguns exemplos podem ser notados nas festas devocionais, nas festas de carnaval e até mesmo no uso de símbolos³⁴. Como a LLama Branca, sacrificada à Pachamama na ocasião do plantio, aparecendo como mediação entre a morte e a vida. Da mesma forma que o Boi encontrado nos Bois-bumbás de Parintins e nos Bumba-meu-boi da região nordeste.

Conceitos de territorialidade e poder também podem ser discutidos sob a ótica do e/imigrante, pois as buscas constantes pela mobilidade econômica e pelo reconhecimento social fazem parte do contexto de qualquer emigração, o significado simbólico do “Fazer a América” se faz presente.

³² Da mesma maneira que Rolnik, outros autores como Michel Certeau, Milton Santos, Antonio Arantes também colaboram com essa discussão, pois definem claramente os conceitos de espaço e lugar, dando a estes a diferença tênue entre o uso, o grau de relação e pertencimento que o homem possui com o local.

³³ Trechos do depoimento sobre adaptação na cidade de São Paulo.

³⁴ SILVA, Sidney Antonio da. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005.

De acordo com o pensamento, “a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade poder ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaco-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com recursos do sistema”³⁵, também enquadram-se as discussões acerca da manutenção, adequação e formação de uma identidade boliviana em São Paulo.

Conseguir um trabalho para quem emigra é uma condição essencial para manter a estada no novo país, mas nem sempre é fácil, as barreiras impostas pela sociedade receptora dificultam a inserção do imigrante no mercado de trabalho, e especificamente no caso dos bolivianos, são dirigidos a passar pelas oficinas de costura, mesmo que por pouco tempo. Nos relatos, o depoente mencionara pedir emprego em bares na área central, e além da resposta ser negativa vinha com a indicação de procurar por seus patrícios no Pari, que eles lhe dariam emprego na costura. O idioma, os costumes diferentes, a discriminação e a imagem negativa relacionada ao narcotráfico prejudicam sua inserção, num primeiro momento, em um mercado de trabalho diferente da costura. Pois os trabalhadores bolivianos são automaticamente associados a este setor³⁶.

Mas como observa-se no relato das experiências vivenciadas no cotidiano das oficinas de costura, o sonho do El dourado fica cada vez mais distante com os documentos presos, as jornadas de trabalho exaustivo, a fome e os maus tratos fazendo parte desse, então, pesadelo do El dourado.

Eles ficavam com os documentos das pessoas, com os meus documentos, mas eles diziam que eu tinha dívida, e para segurança, eles diziam que tinham que ficar com os documentos (...) acordava e costurava até de noite. Eu não tava entendendo. Eu nunca tinha costurado, (...) ³⁷.

De acordo com o relato pode-se observar as dificuldades vivenciadas pelo depoente nos primeiros anos no país, até conseguir iniciar um processo de adaptação. Os sonhos de estudar, mandar dinheiro para a família se relacionar com outras pessoas por muitas vezes ficou guardado a espera de uma oportunidade na nova terra. O sentimento de estar deslocado, não se reconhecer e não ser reconhecido, também se fez presente. O

³⁵ RAFFESTIN, 1993. p.160.

³⁶ SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

³⁷ Depoimento de Rada, F.

depoente como tantos outros e/imigrantes também trouxe a tona essa discussão de perda da identidade, que só foi reconquistada após uma maior aproximação com a comunidade boliviana, a partir do momento que passou a frequentar a igreja, conheceu outros patrícios, também jovens e membros de associações folclóricas. Mas com o passar do tempo e a persistência o e/imigrante começou a vislumbrar o brilho ainda distante de seu sonho dourado.

Para o indivíduo em transito os vínculos sociais assumem extrema relevância, pois traduzem a forma de vida que ele levará nos próximos anos com mais ou menos conforto, mais ou menos aprazível nos momentos de descanso e principalmente o apoio emocional e o acolhimento que a comunidade de conterrâneos poderá lhe oferecer durante sua jornada. Já que a comunidade paulistana, identificada em pesquisa, e com a qual os entrevistados se relacionaram, os recebeu com estranheza e com uma pré-imagem negativa, estereotipada, de imigrantes pobres, sujos, explorados pelos próprios conterrâneos e que estão fora do contexto social da capital devendo retornar para seu país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES Neto, Antonio Augusto. Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, SP: Imprensa Oficial, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MANCUSO, Maria Inês R. Memória, representação e identidade. LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; orgs. *Discutindo Identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.

CORSINI, L. Representando a Identidade no contexto das migrações. *Psicologia e Sociedade*; 18(3): 23-33; set./dez.2006.

HALL, Stuart. A Questão da Identidade Cultural. Textos Didáticos. N.18; fev. 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11.ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HUAYHUA, Gladys Llajaruna. Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: PUC- SP, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUCS, 2002.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993.

SANTOS, Milton. *Espaço & Método*. São Paulo, Nobel, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. “O Retorno, elemento constitutivo da condição do imigrante”. Travessia Revista do Migrante, Publicação do CEM- Ano XIII, número especial, janeiro/2000.

SIMAI, S. BAENINGER, R. Racismo e sua Negação – O caso dos Imigrantes Bolivianos em São Paulo. Travessia-Revista do Migrante, São Paulo, Centro de Estudos Migratórios – Ano XXIV, n. 68, p.49-62; jan/jul.2011.

SILVA, Sidney A. da. Bolivianos. A presença da cultura andina. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Lazuli, 2005.

_____. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005.

_____. Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo. Paulinas. 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2004.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha. Disponível em:

http://www.uesc.br/icer/resenhas/hibridismo_e_traducao_em_bhabha.htm

